

COMPONENTES DA ATRATIVIDADE FÍSICA FACIAL

Sadao OMOTE¹

RESUMO:

O objetivo do presente estudo é o de identificar os componentes da atratividade física facial. O grupo F, constituído por 30 sujeitos, examinou fotografias de crianças aparentando idade entre 7 e 10 anos e anotou seus critérios para julgar uma face como atraente ou não atraente. O grupo D, constituído por 22 sujeitos, discutiu temas relacionados a atratividade física facial, em pequenos grupos de 5 ou 6 pessoas. A configuração geral da face e os olhos foram apontados como sendo os componentes mais importantes da atratividade física facial. Esses componentes foram diferentemente qualificados, quando usados para o julgamento de uma face como atraente ou como não atraente. A discussão em grupos pequenos forneceu resultados que complementam aqueles obtidos do grupo F.

PALAVRAS-CHAVE: Atratividade física facial; beleza; face.

O estudo da atratividade física facial tem merecido atenção de investigadores interessados em questões relativas a percepção e relações interpessoais, na medida em que a aparência física da pessoa, sobretudo a face, informa muita coisa acerca dessa pessoa, influenciando tanto a percepção e o julgamento acerca dela quanto as relações interpessoais mantidas com ela.

A atratividade física facial (AFF) já demonstrou ser uma importante variável que influencia a percepção e relações interpessoais em uma ampla variedade de situações, tais como na formação de impressão a respeito da pessoa (Dion,

¹ Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP 17525-900 - Câmpus de Marília - SP.

Berscheid & Walster, 1972; Miller, 1970), na formação de casais (Berscheid et al., 1971; Feingold, 1988), na tomada de decisão por parte do júri no processo de julgamento de um réu (Efran, 1974; Stephan & Tully, 1977), na relação entre o médico e o paciente (Dienstfrey, 1981; Hadjistavropoulos, Ross & Baeyer, 1990), na decisão para promoção no emprego e na seleção de executivos para contratação (Chung & Leung, 1987; Marlow e Schneider & Nelson, 1996), na avaliação da popularidade (Dion & Berscheid, 1974; Krantz, Fredberg & Andrews, 1985), no julgamento da competência escolar de crianças (Clifford & Walster, 1973; Kenealy, Frude & Shaw, 1988; e Ross & Salvia, 1975), na interação de alunos com seus professores (Adams & Cohen, 1974; Algozzine, 1976) etc.

Com o propósito de contribuir para a elucidação, também no nosso meio, da natureza do fenômeno discutido aqui, temos realizado estudos sobre a avaliação da atratividade física facial e efeitos desta sobre percepções e julgamentos de outras qualidades das pessoas (Omote, 1991a, 1991b, 1992, 1993, 1993/94, 1994 e 1997).

Na nossa pesquisa anterior (Omote, 1994), foram realizados estudos sobre a fidedignidade da percepção da atratividade física facial de crianças. O estudo da fidedignidade intra-sujeito e da fidedignidade intragrupo mostrou que os mesmos sujeitos, considerados individualmente ou em grupo, avaliaram a AFF das mesmas crianças com bastante coerência em duas ocasiões diferentes, com um intervalo de 10 meses entre uma avaliação e a outra, o que sugere ser a percepção da AFF um fenômeno temporalmente estável, não apresentando variações nos critérios de atratividade através do tempo. O estudo da fidedignidade intergrupo mostrou que três grupos de sujeitos, diferentes em algumas características, avaliaram de modo bastante semelhante a AFF das mesmas crianças. Se diferentes grupos de pessoas perceberam com suficiente consenso as mesmas fotografias como sendo atraentes ou não atraentes, o resultado encontrado indica a extensão da generalidade do fenômeno da percepção da AFF.

A ocorrência de fidedignidade intra-sujeito, intragrupo e intergrupo na percepção da AFF sugere a possibilidade de existir algum padrão mais ou menos estável e consensual para se considerar o que é uma face atraente ou não atraente.

Alguns autores procuraram estudar os componentes da AFF. Cross e Cross (1971) encorajaram seus sujeitos a falarem sobre o que seria a beleza e como seriam estabelecidas as normas da beleza. Os olhos foram indicados como sendo as características faciais mais importantes para a beleza, por 34% dos sujeitos; a boca e/ou o sorriso foram escolhidos por 31%; o cabelo por 10%; a cor da pele por 5%; o nariz por 5%; e a configuração da face como um todo por 15%. Terry e Davis (1976) constataram que os diferentes elementos constitutivos da face tinham a seguinte ordem de importância, segundo a avaliação de seus sujeitos: boca, olhos, estrutura facial, cabelo e nariz. No estudo de Kleck, Richardson e Ronald (1974), a configuração da face como um todo foi indicada como sendo uma importante pista para o julgamento da AFF por 73% dos sujeitos; o cabelo foi apontado por 53% dos sujeitos, os olhos por 47%, os dentes por 47%, a boca por 40%, os lábios por 26% e as orelhas por 20%. Poucas referências foram feitas a sobrancelhas, nariz e queixo.

A importância da posição dos olhos na face mereceu atenção especial por parte de Brooks e Hochberg (1960). Esses autores utilizaram figuras de um bebê, visto de frente ou de perfil, com a localização dos olhos na posição normal, deslocada para cima e deslocada para baixo. Os sujeitos avaliaram as figuras com a posição normal dos olhos como sendo mais atraentes que as figuras com a posição dos olhos deslocada para cima ou deslocada para baixo.

A importância que os sujeitos atribuem a diferentes componentes faciais como elementos definidores da AFF pode ser influenciada por algum problema particular desses sujeitos com relação a algum desses componentes. É o que sugerem os achados de Terry e Brady (1976). Esses autores constataram que as mulheres que utilizavam óculos para corrigir limitação visual enfatizaram como componentes determinantes da AFF a boca, o cabelo e o nariz, e subestimaram a importância dos olhos e da estrutura facial. Por outro lado, aquelas que se utilizavam da correção visual através de lentes de contato valorizaram o nariz, a estrutura facial, o cabelo, a boca e, em último lugar, porém ainda em grau significativo, os olhos. As mulheres que não utilizavam qualquer correção visual enfatizaram em primeiro lugar os olhos e depois a estrutura facial, mas não o nariz, o cabelo e a boca.

Além da importância relativa de cada componente da face e da influência que algumas características dos sujeitos podem exercer, na definição da

AFF, certamente a configuração global da face deve desempenhar aí importante papel. Entretanto, poucos estudos foram realizados com o propósito de pesquisar os efeitos da face como um todo na avaliação da AFF. Nas investigações de Cross e Cross (1971) e de Kleck, Richardson e Ronald (1974), a situação estimuladora se referia a face como um todo, porém as respostas dos sujeitos correspondiam a componentes específicos da face.

Utilizando os recursos de computação gráfica, Perrett, May e Yoshikawa (1994) obtiveram um rosto feminino que representava a configuração média de um conjunto de 60 faces de mulheres caucasianas e um rosto que representava a configuração média de 15 faces mais atraentes desse conjunto. Esses rostos produzidos foram referidos por *médio* e *atraente*, respectivamente. Foi produzido um terceiro rosto, referido por “atraente + 50%”, aumentando em 50% as diferenças que o rosto “atraente” apresentava em relação ao rosto “médio”. Submetendo esses rostos à avaliação da atratividade, os sujeitos apontaram o rosto “atraente” como mais bonito que o “médio” e o “atraente + 50%” como mais bonito que o “atraente”. A configuração média dos rostos com alta atratividade tinha, comparativamente à configuração média de todos os rostos, ossos molares mais altos, queixo mais fino, olhos maiores, e distâncias menores entre a boca e o queixo e entre o nariz e a boca.

Utilizando a mesma metodologia para a produção de rostos “médio”, “atraente” e “atraente + 50%” e para a avaliação da atratividade, os autores encontraram resultados semelhantes com faces de mulheres japonesas e de homens caucasianos (Perrett, May & Yoshikawa, 1994). Assim, os autores concluíram que a configuração dos rostos altamente atraentes difere sistematicamente da configuração facial média.

O objetivo do presente estudo é o de procurar identificar elementos que podem contribuir para caracterizar uma face como tendo alta ou baixa atratividade física. Além da importância relativa de cada parte constitutiva da face na definição da AFF, pretende-se obter relatos sobre o papel da face como um todo nessa definição.

Método

Sujeitos

Foram utilizados dois grupos, o grupo F com 30 sujeitos e o grupo D com 22 sujeitos. Participaram como sujeitos estudantes de 1º e 2º anos do Curso de Pedagogia e de 1º ano do Curso de Fonoaudiologia, todas do sexo feminino, com a idade variando de 18 a 42 anos e a média de 22 anos. Cada grupo foi submetido a situação estimuladora diferente para se expressar sobre seus critérios de julgamento da AFF, conforme descrito adiante.

Material

Foram utilizadas 30 fotografias, 3x4 cm, branco-e-preto, de crianças aparentando de 7 a 10 anos de idade cronológica, sem expressão evidente de alguma emoção, sem o uso de qualquer adereço e sem qualquer deformidade visível na face, sendo 15 fotografias de meninos e 15 de meninas. Essas fotografias já foram utilizadas nos nossos estudos anteriores e têm a sua AFF devidamente avaliada (Omote, 1991a) e testada a sua eficácia como estímulo (Omote, 1991b). Das 15 fotografias de meninos ou de meninas, 5 eram de crianças com atratividade alta (AA), 5 de atratividade moderada (AM) e 5 de atratividade baixa (AB). Foram utilizados também um gravador e fitas "cassete", bem como formulários para serem preenchidos pelos sujeitos.

Procedimento

Um grupo de sujeitos, o grupo F, recebeu fotografias e forneceu dados sobre seus critérios de avaliação da AFF, e o outro grupo, o grupo D, participou de discussão sobre AFF. No grupo F, cada sujeito recebeu três fotografias de meninos ou de meninas, sendo uma de cada nível de atratividade (AA, AM e AB), juntamente com uma folha de resposta. Realizou, individualmente, a tarefa de apontar a face mais bonita e a face mais feia anotando na folha de resposta essa escolha. Nessa mesma folha anotou, para cada uma dessas duas fotografias, as razões de considerar uma face como sendo a mais bonita e a outra como sendo a mais feia. Terminada essa tarefa, essas três fotografias e a respectiva folha de resposta foram recolhidas, e

um outro conjunto de três fotografias (AA, AM e AB) de crianças do sexo oposto, juntamente com uma folha de resposta, foi entregue a cada sujeito para a realização das mesmas tarefas. Metade dos sujeitos do grupo F recebeu primeiro as fotografias de meninos e depois as de meninas. A outra metade recebeu primeiro as fotografias de meninas e depois as de meninos. No grupo D, a coleta de dados foi feita através de discussão em grupos pequenos de 5 ou 6 sujeitos, com cerca de uma hora de duração. Esses grupos pequenos reuniram-se numa sala apropriada para realizar discussão sobre o tema da beleza facial. Esse tema era subdividido em questões que se referiam ao conceito de beleza facial, características associadas à beleza facial, normas de beleza facial e conseqüências de se possuir face bonita. Um moderador encaminhou a discussão até explorar detalhadamente o tema. As discussões foram gravadas em fitas *cassete* para posterior transcrição.

Resultados e discussão

Os sujeitos do grupo F receberam três fotografias, de meninos ou de meninas, sendo uma de cada nível de AFF, para inicialmente indicar aquela considerada como sendo a da criança mais atraente e a da criança menos atraente. O grau de atratividade dessas fotografias havia sido avaliada previamente (Omote, 1991a). Portanto, inicialmente foram tabuladas as escolhas da fotografia de criança mais atraente e a da criança menos atraente. O resultado dessa tabulação pode ser visto na tabela 1, que mostra o número de sujeitos que escolheram as fotografias de cada nível de atratividade como sendo de criança mais bonita ou de criança menos bonita.

Tabela 1 - Frequência de escolha de fotografias de cada nível de AFF como sendo da criança mais atraente ou da criança menos atraente

AFF	fotografias de meninos		fotografias de meninas	
	mais bonito	mais feio	mais bonita	mais feia
AA	25	0	17	1
AM	5	4	12	3
AB	0	26	1	26

A análise da tabela 1 mostra que, na indicação do menino mais bonito, 25 sujeitos apontaram as fotografias AA, 5 as fotografias AM e nenhum sujeito apontou as fotografias AB. Na indicação do menino mais feio, 26 sujeitos apontaram as fotografias AB, 4 apontaram as fotografias AM e nenhum sujeito apontou as fotografias AA. A análise estatística mostra que essas escolhas não recaíram igualmente para as fotografias de diferentes níveis de AFF. Os χ^2 obtidos (35,00 e 39,20, respectivamente) são altamente significantes ($p < 0,001$).

Para as fotografias de meninas, foram obtidos resultados semelhantes. Na indicação da menina mais bonita, 17 sujeitos apontaram as fotografias AA, 12 as fotografias AM e 1 a fotografia AB. Na indicação da menina mais feia, 26 sujeitos apontaram as fotografias AB, 3 as fotografias AM e 1 a fotografia AA. Os χ^2 obtidos (13,40 e 38,60, respectivamente) são estatisticamente significantes ($p < 0,01$ e $p < 0,001$, respectivamente), mostrando que as escolhas não recaíram igualmente sobre as fotografias de diferentes níveis de atratividade.

Esses resultados podem ser interpretados como sendo mais uma confirmação da fidedignidade na percepção da AFF, uma vez que os níveis de atratividade dessas fotografias foram estabelecidas num outro estudo, realizado com outros sujeitos e em uma outra ocasião (Omote, 1991a).

Imediatamente após a escolha da face mais bonita e da mais feia, os sujeitos justificaram a sua escolha, anotando as razões pelas quais consideraram a fotografia escolhida como sendo da criança mais atraente ou da criança menos

atraente. Portanto, essas respostas fornecem indicadores responsáveis pelo grau de AFF, segundo a percepção desses sujeitos.

Nas justificativas dos sujeitos, as referências a partes da face foram constantes. Na tabela 2, estão relacionadas todas as partes da face que foram mencionadas pelos sujeitos, acompanhadas das frequências com que foram utilizadas nas justificativas da escolha das fotografias de meninos e de meninas mais bonitos e mais feios.

Tabela 2 - Frequência de indicação de partes da face nas justificativas dos sujeitos para a escolha dos rostos mais bonitos e dos mais feios de meninos e de meninas

Partes da face	menino		menina		Total
	mais bonito	mais feio	mais bonita	mais feia	
rosto	19	11	20	19	69
olhos	19	13	23	9	64
boca	7	6	5	7	25
nariz	5	4	5	7	21
cabelo	2	2	6	7	17
sobrancelhas	4	4	2	0	10
orelhas	1	9	0	0	10
queixo	2	3	1	1	7
testa	0	2	1	3	6
bochechas	1	2	1	0	4
lábios	0	1	3	0	4
pele	1	1	2	0	4
cabeça	0	1	1	0	2
narinas	0	1	0	0	1
cílios	0	0	1	0	1
TOTAL	61	60	71	53	245

Cada sujeito justificou quatro escolhas feitas: menino mais bonito, menino mais feio, menina mais bonita e menina mais feia. Como foram utilizados 30 sujeitos nesta parte do estudo, havia 120 justificativas possíveis. Em pouco mais de metade dessas justificativas apareceram referências a rosto (69)² e a olhos (64). A categoria *rosto*, embora não seja propriamente uma parte da face, foi incluída aqui, pois foi referida nas justificativas dos sujeitos como um elemento em que se basearam para proceder à escolha das fotografias. Essa categoria inclui também referências como *fisionomia, expressão facial, face e feição*.

As demais partes da face foram bem menos vezes referidas nas justificativas dos sujeitos, porém ainda podem ser destacadas as referências a boca (25), nariz (21) e cabelo (17). De um modo geral, cada parte da face foi referida, de modo relativamente equilibrado, na justificativa da escolha do rosto mais bonito e do mais feio. Entretanto, pode-se apontar que, para justificar as escolhas, os olhos tiveram uma importância ligeiramente maior para o rosto mais bonito do que para o rosto mais feio, tanto de meninos quanto de meninas. Embora as frequências sejam baixas, pode-se também identificar a possibilidade de que o cabelo tivesse importância ligeiramente maior na justificativa da escolha das fotografias de meninas que de meninos, independentemente do grau de AFF. Nessa mesma linha de raciocínio, pode-se sugerir que as orelhas talvez fossem importantes apenas para identificar o rosto mais feio de meninos.

A importância dessas partes da face para justificar a escolha das fotografias de diferentes níveis de AFF, evidenciada pela frequência com que foram referidas nas justificativas, encontra apoio nos estudos relatados na literatura especializada.

No estudo de Cross & Cross (1971), as cinco características mais frequentemente citadas pelos sujeitos como sendo as mais importantes para a beleza facial foram os olhos, a boca, a configuração geral da face, o cabelo e o nariz. No estudo de Terry & Davis (1976), as partes mais importantes para a AFF, segundo os sujeitos, foram a boca, os olhos, a estrutura facial, o cabelo e o nariz. Portanto, no

² Os números entre parêntesis, neste e no próximo parágrafo, indicam a frequência com que cada parte da face foi referida nas justificativas dos sujeitos.

nosso estudo e nos desses autores, exatamente as mesmas cinco características faciais foram consideradas como sendo as mais importantes para a AFF.

No estudo de Kleck, Richardson & Ronald (1974), as cinco partes da face mais importantes foram a configuração geral da face, o cabelo, os olhos, os dentes e a boca. Quatro dessas características são exatamente as mesmas apontadas no nosso estudo e nos de Cross & Cross (1971) e de Terry & Davis (1976). A única exceção são os dentes, que não foram citados nenhuma vez no nosso estudo e não foram referidos por Cross & Cross (1971) nem por Terry & Davis (1976). O nariz que foi referido nos três estudos, como uma das 5 características faciais mais importantes, recebeu poucas referências no estudo de Kleck, Richardson & Ronald (1974).

A frequência de utilização de cada parte da face como um indicador na escolha das fotografias não diferiu essencialmente em função do grau de atratividade nem do sexo da criança. Entretanto, pode-se supor que uma mesma parte da face fosse referida com diferentes significações na escolha do rosto mais bonito ou mais feio de meninos ou de meninas. Convém proceder à necessária análise para verificar essa possibilidade, pelo menos em relação ao rosto e aos olhos, que apresentam frequência relativamente alta de citações.

Em primeiro lugar, analisando os dados da tabela 3, pode-se verificar que a maior parte dos sujeitos que se referiram ao rosto ou aos olhos, nas suas justificativas, contextualizou-os atribuindo alguma qualidade. Do total de 69 referências ao rosto, em 52 das vezes o rosto recebeu alguma qualificação. Quanto aos olhos, em 52 vezes, do total de 64 referências, houve atribuição de alguma qualidade. O exame da tabela 3 sugere que não há, aparentemente, nenhuma relação entre atribuir ou não alguma qualidade ao rosto ou aos olhos e o grau de atratividade ou o sexo das crianças.

Analisando as qualidades atribuídas ao rosto e aos olhos, nas justificativas das escolhas de rostos mais bonitos e mais feios de meninos e de meninas, pode-se verificar alguma tendência mais ou menos definida quanto à natureza das qualidades. Tanto o rosto quanto os olhos, quando foram referidos nas justificativas de escolha das fotografias de meninos e de meninas mais atraentes, tenderam a receber qualidades que podem ser consideradas positivas; nas justificativas de escolha

de fotografias de meninos e de meninas menos atraentes, tenderam a receber qualidades que podem ser consideradas negativas.

Tabela 3 - Frequência de citação (N) e de qualificação (q) do rosto e dos olhos nas justificativas apresentadas pelos sujeitos, em relação à escolha do rosto mais bonito e do mais feio de meninos e de meninas

	menino		menina		TOTAL	
	mais bonito	mais feio	mais bonita	mais feita		
rosto	N	19	11	20	19	69
	q	15	9	14	14	52
olhos	N	19	13	23	9	64
	q	13	10	21	8	52

Nas justificativas de escolha das fotografias de meninos mais bonitos, o rosto foi apontado como um indicador da alta atratividade porque era “bem definido ou contornado” (6)³, “harmonioso” (2), “delicado” (2), “redondo” (2), “fino ou alongado” (2), “expressivo” (1), “cheio” (1), “descontraído” (1), “proporcional” (1) e “simpático” (1); para justificar as escolhas das fotografias de meninas mais bonitas, o rosto foi considerado “delicado” (4), “proporcional” (2), “bem alinhado” (2), “calmo” (1), “saudável” (1), “arredondado” (1), “gracioso” (1), “harmonioso” (1), “cheio” (1) e “oval” (1).

³ Os números entre parêntesis, neste e nos parágrafos seguintes, indicam as frequências de atribuição das qualidades. Alguns sujeitos atribuíram duas qualidades ao rosto ou aos olhos. Portanto, a soma das frequências de atribuição das qualidades pode ser superior à frequência de qualificação (q) da tabela 3.

Por outro lado, para justificar as escolhas das fotografias de meninos mais feios, o rosto foi qualificado como sendo “pequeno” (2), “triste” (2), “sério ou sisudo” (2), “oval” (1), “redondo” (1) e “sombrio” (1); nas justificativas de escolha das fotografias de meninas mais feias, o rosto foi qualificado como sendo “muito fino ou alongado” (5), “estranho ou diferente” (3), “oval” (1), “grande e quadrado” (1), “contraído” (1), “grosseiro” (1), “curvado” (1) e “triste” (1) ou como “não combinando as partes” (2).

Os olhos, quando foram referidos nas justificativas de escolha das fotografias de meninos mais bonitos, foram qualificados como sendo “grandes” (6), “calmos, dóceis ou meigos” (3), “bem contornados” (2), “vivos” (1), “negros” (1) e “médios” (1); nas justificativas de escolha das fotografias de meninas mais bonitas, foram qualificados como sendo “grandes” (8), “bem definidos” (4), “afetuosos, ternos ou meigos” (4), “espertos” (1), “expressivos” (1), “bonitos” (1), “profundos e penetrantes” (1), “delicados” (1) e “claros” (1).

Para justificar as escolhas das fotografias de meninos mais feios, os olhos foram qualificados como sendo “caídos” (3), “tristes” (3), “mortos” (1), “parados” (1) e “puxados” (1) ou “tendo ar de revolta” (1); para justificar as escolhas das fotografias de meninas mais feias, foram qualificados como sendo “pequenos”, (3) “tristes” (3), “sofridos” (1) e “estranhos” (1) ou como “não combinando com a boca” (1).

Eis a relação das qualidades que, segundo as justificativas dos sujeitos contribuíram para perceber uma face como tendo atratividade alta ou atratividade baixa. A análise dessa lista sugere que uma criança de face bonita tem rosto arredondado com os traços bem definidos, harmoniosos e proporcionais, que expressa estados subjetivos positivos como delicadeza, simpatia, calma e descontração. Em contrapartida, uma criança de face não atraente tem rosto fino, alongado ou oval, pequeno ou grande, com as partes que não combinam, e que expressa estados subjetivos negativos como tristeza, estranheza, seriedade e tensão.

Pode-se dizer também que uma criança de face atraente tem olhos grandes e bem contornados, que expressam estados subjetivos positivos como afeto, ternura, meiguice e calma. Uma criança de face não atraente, por sua vez, tem os olhos pequenos e caídos, que expressam especialmente a tristeza.

Para analisar mais detalhadamente as qualidades que foram atribuídas ao rosto e aos olhos, quando essas partes da face foram referidas para justificar a escolha de uma criança como sendo a mais bonita e de uma outra como sendo a mais feia, a lista de todas as qualidades foi entregue a 3 juízes, solicitando-lhes que avaliassem a favorabilidade ou a desfavorabilidade de cada uma delas. Os juízes anotaram, para cada qualidade, “+” se julgassem que o rosto ou os olhos que possuissem essa qualidade seriam valorizados positivamente pela sociedade, “-” se julgassem que seriam desvalorizados e “N” se julgassem que não seriam valorizados nem favoravelmente nem desfavoravelmente.

De posse dessa avaliação dos juízes, foi determinada a valência de cada qualidade, de acordo com o seguinte critério: uma qualidade foi considerada “positiva” se 2 ou 3 juízes haviam anotado “+”, “negativa” se 2 ou 3 juízes haviam anotado “-” e “neutra” se 2 ou 3 juízes haviam anotado “N” ou se cada juiz havia anotado uma menção diferente. A tabela 4 mostra as freqüências de qualidades “positivas”, “negativas” e “neutras” atribuídas ao rosto e aos olhos, quando os sujeitos justificaram a escolha da fotografia de menino ou menina como sendo a de face mais bonita ou mais feia.

Tabela 4 - Freqüência de qualidades positivas, negativas e neutras atribuídas ao rosto e aos olhos no julgamento de uma face como bonita ou feia

qualidade	menino		menina		
	bonito	feio	bonita	feia	
rosto	positiva	12	2	8	0
	negativa	7	2	6	10
	neutra	0	5	1	6
olhos	positiva	10	0	18	0
	negativa	0	6	0	2
	neutra	4	4	4	7

O exame da tabela 4 revela que tanto o rosto como os olhos receberam qualidades positivas mais freqüentemente nas justificativas da escolha de menino ou menina com AFF mais alta do que nas justificativas da escolha de menino ou menina com AFF mais baixa. Por outro lado, as qualidades negativas tenderam a ser atribuídas ao rosto e aos olhos mais freqüentemente nas justificativas da escolha de face menos atraente que nas justificativas da escolha de face mais atraente.

Para a análise estatística dos dados apresentados na tabela 4, foi utilizado o teste de Fisher: as freqüências de atribuição de qualidades positivas e negativas ao rosto na escolha de menino mais bonito não diferem significativamente das de menino mais feio ($p = 0,37$); quanto às qualidades atribuídas ao rosto na escolha das fotografias de menina mais bonita e menina mais feia, a diferença é significativa ($p = 0,004$); com relação às qualidades atribuídas aos olhos na escolha das fotografias de menino mais bonito e de menino mais feio, a diferença é significativa ($p = 0,0001$); com relação às qualidades atribuídas aos olhos na escolha das fotografias de menina mais bonita e menina mais feia, também a diferença é significativa ($p = 0,005$).

Os resultados obtidos do grupo F sugerem que tanto para escolher menino ou menina com AFF alta quanto para escolher aqueles com AFF baixa, o rosto como um todo e os olhos se constituem em importantes indicadores. Entretanto, essas partes são diferentemente qualificadas, quando servem para escolher a face mais bonita ou a mais feia. Pode-se acrescentar, ainda, que o rosto e os olhos tendem a ser qualificados positivamente quando servem para caracterizar uma face como bonita e negativamente qualificados quando servem para caracterizar uma face como feia.

Os resultados até aqui analisados se referem aos dados obtidos do grupo F, cujos sujeitos realizaram a tarefa de identificar a criança mais atraente e a menos atraente e justificar a sua escolha. Uma outra metodologia foi utilizada para levantar dados sobre o problema estudado. Foi utilizada a discussão em pequenos grupos, versando sobre algumas questões relacionadas à atratividade física facial. As discussões foram gravadas e transcritas para a análise de conteúdo. A seguir são analisadas as principais respostas dos quatro grupos de discussão.

As questões que orientaram a discussão dos grupos referiam-se à própria conceituação da beleza facial, às características associadas a essa beleza facial, as normas estabelecidas de beleza facial e as conseqüências de se possuir uma face bonita. Analisando as discussões ocorridas nos grupos, verifica-se inicialmente que algumas pessoas tiveram dificuldade para iniciar diretamente a discussão sobre a beleza facial. Expressões como *para mim não tem face bonita, eu sempre acho beleza em qualquer pessoa, beleza facial é muito relativa* ou outras manifestações semelhantes ocorreram com certa freqüência no início das sessões de discussão. Podem essas manifestações estar sugerindo que, para essas pessoas, a beleza facial não é assunto para ser tratado em situação de discussão em grupo, com a presença do moderador e do gravador.

Na conceituação acerca da beleza facial, ocorreram muitas manifestações no sentido de que essa beleza não poderia ser associada unicamente a traços físicos. A questão da simpatia da pessoa foi levantada freqüentemente, apontando que essa característica psicológica determina em grande extensão a beleza facial. Pode levar alguém com alguma característica física da face normalmente considerada como não atraente a ser percebida como sendo bonita. A oportunidade de poder conversar para conhecer melhor a pessoa foi apontada por muitos sujeitos como sendo uma condição importante para se poder dizer se uma determinada pessoa é bonita ou não. Algumas referências foram feitas à *beleza interior* e houve até quem afirmasse que *o interior da pessoa transparece na face*. A seguir, está reproduzida uma amostra de expressões que associam a beleza facial a qualidades ou condições não físicas da pessoa.

“Beleza é a simpatia que uma pessoa transmite.”

“Para achar uma pessoa bonita, tem que conversar com ela para ver se é simpática.”

“Se for uma pessoa simpática e agradável de conversar, você vai achar alguma coisa bonita nela.”

“Existem pessoas que esteticamente são feias, mas, conversando com elas, acabam se tornando bonitas.”

“É a beleza interior, o interior da pessoa transparece na face.”

“A convivência pode levar a gente a não ligar para nariz grande ou alguma coisa que não combina.”

Essas manifestações sugerem que características psicológicas positivas, destacando-se aí a simpatia, podem aumentar a AFF percebida. Nesse sentido, Gross & Crofton (1977) já haviam verificado que, quando a fotografia de uma pessoa era acompanhada de uma descrição das características positivas de personalidade dela, os sujeitos avaliavam a face dessa pessoa como mais atraente que quando era acompanhada de descrição desfavorável. As descrições usadas por esses autores caracterizavam a pessoa-estímulo como bastante amigável ou muito pouco amigável. Assim, os autores apontaram o sentido inverso do estereótipo habitualmente estudado nessa área, isto é, não só o “belo é bom” como também o “bom é belo”.

Contrastando com esse tipo de considerações, foi muitas vezes mencionada a *beleza estética*, com referência aos aspectos estritamente físicos da beleza facial. Como elementos constitutivos dessa *beleza estética*, algumas características físicas foram mencionadas freqüentemente, principalmente os olhos, a pele, a boca, os dentes, o nariz e o cabelo. Além dessas partes específicas, foram referidas freqüentemente características globais, tais como o contorno bem feito de partes da face, a harmonia do conjunto todo da face e a simetria da face como um todo.

Os olhos foram as características mais freqüentemente referidas, sendo considerados um dos traços físicos mais importantes para a beleza facial. Alguns interessantes argumentos foram levantados. Segundo a argumentação de um sujeito, *os olhos são a única coisa que não envelhece no rosto*; segundo um outro sujeito, *o olhar diz tudo, é a transparência da pessoa*.

Para um rosto ser bonito, a pele precisa ser *bonita, apresentável, sem manchas nem espinha e bem tratada*. A boca foi mencionada por diversos sujeitos porém não foi qualificada. Os dentes precisam ser perfeitos. O nariz pode ter diferentes qualidades (grande, pequeno, arrebitado etc.), desde que combine com o resto da face. O cabelo precisa ser bem tratado, podendo ser loiro ou moreno, podendo ser mais valorizado o padrão pouco freqüente. Aliás, foram feitas algumas referências ao exótico e ao incomum como elementos que podem contribuir para a beleza facial. Contudo, não é qualquer traço incomum que contribui para a beleza facial. Foram feitas referências a albinismo e algumas deficiências, particularmente à síndrome de

Down, como sendo condições com traços incomuns e até exóticos, porém, segundo os sujeitos, definitivamente não contribuem para melhorar a atratividade facial.

A valorização do exótico e do diferente, como traços que aumentam a beleza facial, depende, de acordo com as manifestações dos nossos sujeitos, dos critérios sociais. O padrão da beleza pode ser ditado pelas agências de modelo, identificado com artistas de televisão e difundido pelos meios de comunicação. Os meios de comunicação, em especial a televisão, parecem exercer um efeito muito poderoso nesse sentido, levando as pessoas a procurarem identificar-se com esses modelos e imitá-los. Para isso, pintam o rosto e *tomam banho de loja*. Alguns sujeitos apontaram que esses modelos vêm do exterior, pois enfatizam os olhos azuis e o cabelo loiro. Houve também referência à natureza temporária dos padrões, pois mudam conforme a época, como as sobrancelhas que, até recentemente deviam ser finas, hoje são grossas.

Com referência a esse modo de estabelecimento e difusão de padrões de beleza pela sociedade, houve algumas manifestações condenando a sua perversidade, pois, segundo os sujeitos, a sociedade não valoriza o interior da pessoa, desvalorizando-a com coisas artificiais e valores pobres que a sociedade coloca. Como é poderoso o efeito da televisão, uma coisa horrorosa pode até virar moda. O relacionamento dos jovens está muito baseado no que a mídia transmite. A insatisfação com o que têm pode levar as pessoas a fazerem até cirurgia plástica estética.

Toda essa valorização do rosto bonito e do investimento que se faz para melhorar a aparência ocorrem por causa de uma série de conseqüências positivas que advêm do fato de possuir uma face bonita. Segundo às discussões ocorridas nos quatro grupos, ter face bonita significa *aceitação pela sociedade, melhores oportunidades no emprego, ter todos os homens a seus pés*. Na literatura especializada, há evidências de que a alta AFF favorece a aceitação da pessoa (Dion & Berscheid, 1974; Kranz, Fredberg & Andrews, 1985), a promoção no emprego (Chung & Leung, 1987), ou ainda influencia diretamente a seleção de executivos para contratação (Marlowe, Schneider & Nelson, 1996). Há também evidências de que o grau de AFF pode influenciar a formação de casais (Berscheid et al., 1971; Feingold, 1988).

À margem dessas manifestações, foram feitos alguns interessantes comentários. A não aceitação do deficiente pela sociedade foi justificada num grupo

pela baixa atratividade física facial dele. Nesse sentido, já vêm sendo realizadas até cirurgias estéticas corretivas com portadores de deformidades cranio-faciais (Phillips & Whitaker, 1979) ou de patologias com traços evidentes de anomalia na face, como no caso da síndrome de Down (Mearig, 1985), visando reduzir a deformidade e melhorar a aparência. Num outro grupo, após a manifestação inicial no sentido de que possuir face atraente significava tudo, ter oportunidade para tudo, inclusive no emprego, já que nos anúncios é exigida a boa aparência, a discussão caminhou no sentido oposto, no sentido de que possuir face atraente não significava nada, já que a valorização era apenas da aparência.

Houve também comentários acerca de algumas manifestações estereotípicas a respeito de mulheres bonitas. Foi comentado que mulher bonita é considerada *burra e objeto*; esse estereótipo foi contestado. Foi também comentado que os homens não têm intenção séria com mulheres bonitas e que *elas estão todas grávidas*.

Os dados levantados no grupo D, através de discussões em grupos sobre o tema da atratividade física facial, confirmam, em linhas gerais, aqueles obtidos do grupo F, ao qual foi aplicado um outro procedimento. Nesse grupo, os sujeitos realizaram a tarefa de identificação da criança mais atraente e da menos atraente, num conjunto de 3 fotografias, e responderam a um questionário sobre o tema da atratividade física facial. Por ser menos direcionada a expressão dos sujeitos no grupo D do que no grupo F, nas discussões em grupo ocorreram algumas manifestações interessantes que não foram verificadas nas respostas dos sujeitos do grupo F. Assim, um procedimento de coleta de dados pode complementar o outro.

O estudo relatado aqui levantou dados que nos permitem identificar alguns elementos que desempenham importante papel na caracterização da atratividade física facial. Algumas partes da face, isoladamente, são consideradas importantes, podendo-se destacar aí os olhos, o cabelo, a boca e o nariz. Essas partes servem tanto para caracterizar uma face como sendo atraente quanto para caracterizá-la como não atraente. O grau de atratividade facial depende de características apresentadas por essas partes do rosto.

Algumas características que dizem respeito à face como um todo também são consideradas importantes, tendo sido freqüentemente referidos os

seguintes aspectos: o rosto como um todo, o contorno bem feito de partes da face, a harmonia entre diferentes partes do rosto e a simetria do conjunto. Muitas referências acerca das características não físicas sugerem que a atratividade da face não está absolutamente separada de características psicológicas da pessoa que a tornam um ser de convívio social agradável.

OMOTE, S. Components of facial attractiveness. *Cadernos da F.F.C.*, Marília, v.8, n.1, 1999.

ABSTRACT:

The aim of this study is to identify the components of facial attractiveness. 30 subjects from group F observed pictures of 7 to 10 year old looking children and described their criteria for judging a face as attractive or non-attractive. Another group of 22 subjects, group D, discussed issues related to facial attractiveness in small groups of 5 or 6 persons. The shape of a face and the eyes were pointed out as the most important components of facial attractiveness. These components were differently qualified when used to judge a face as attractive or non-attractive. The discussion in small groups yielded results complementing the ones obtained from group F.

KEY-WORDS:

Facial attractiveness; beauty; face.

Referências Bibliográficas

- ADAMS, G.R., COHEN, A. S. Children's physical and interpersonal characteristics that effect student-teacher interactions. *Journal of Experimental Education*, v. 43, p. 1-5, 1974.
- ALGOZZINE, R. F. Attractiveness as a biasing factor in teacher pupil interactions. *Dissertation Abstracts International*, v. 36, p. 7059-A, 1976.
- BERSCHEID, E., et al. Physical attractiveness and dating choice: A test of the matching hypothesis. *Journal of Experimental Social Psychology*, v. 7, p. 173-189, 1971.
- BROOKS, V., HOCHBERG, J. A psychophysical study of "cuteness". *Perceptual and Motor Skills*, v. 11, p. 205, 1960.

- CHUNG, P., LEUNG, K. Effects of performance information and physical attractiveness on managerial decisions about promotion. *Journal of Social Psychology*, v. 128, p. 791-801, 1987.
- CLIFFORD, M. M., WALSTER, E. The effect of physical attractiveness on teacher expectations. *Sociology of Education*, v. 46, p. 248-258, 1973.
- CROSS, J. F., CROSS, J. Age, sex, race, and the perception of facial beauty. *Developmental Psychology*, v. 5, p. 433-439, 1971.
- DIENSTFREY, H. A doctor's more than a pretty face. *Psychology Today*, march, p. 82-83, 1981.
- DION, K. K., BERSCHIED, E. Physical attractiveness and peer perception among children. *Sociometry*, v. 37, p. 1-12, 1974.
- DION, K., BERSCHIED, E., WALSTER, E. What is beautiful is good. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 24, p. 285-290, 1972.
- EFRAN, M. G. The effect of physical appearance on the judgment of guilt, interpersonal attraction, and severity of recommended punishment in a simulated jury task. *Journal of Research in Personality*, v. 8, p. 45-54, 1974.
- FEINGOLD, A. Matching for attractiveness in romantic partners and same-sex friends: A meta-analysis and theoretical critique. *Psychological Bulletin*, v. 104, p. 226-235, 1988.
- GROSS, A. E., CROFTON, C. What is good is beautiful. *Sociometry*, v. 40, p. 85-90, 1977.
- HADJISTAVROPOULOS, H. D., ROSS, M. A., VON BAEYER, C. L. Are physicians' rating of pain affected by patients' physical attractiveness? *Social Science & Medicine*, v. 31, p. 69-72, 1990.
- KENEALY, P., FRUDE, N., SHAW, W. Influence of children's physical attractiveness on teacher expectation. *Journal of Social Psychology*, v. 128, p. 373-383, 1988.
- KLECK, R. E., RICHARDSON, S. A., RONALD, L. Physical appearance cues and interpersonal attraction in children. *Child Development*, v. 45, p. 305-310, 1974.
- KRANTZ, M., FRIEDBERG, J., ANDREWS, D. Physical attractiveness and popularity: The mediating role of self-perception. *Journal of Psychology*, v. 119, p. 219-223, 1985.
- MARLOWE, C. M., SCHNEIDER, S. L., NELSON, C. E. Gender and attractiveness biases in hiring decisions: Are more experienced managers less biased? *Journal of Applied Psychology*, v. 81, p. 11-21, 1996.

- MEARIG, J. S. Facial surgery and an active modification approach for children with Down Syndrome: Some psychological and ethical issues. *Rehabilitation Literature*, v. 46, p. 72-77, 1985.
- MILLER, A. G. Role of physical attractiveness in impression formation. *Psychonomic Science*, v. 19, p. 241-243, 1970.
- OMOTE, S. Avaliação da atratividade física facial: delineamento de um procedimento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 7, p. 285- 294, 1991a.
- Efeitos da atratividade física facial de crianças sobre a percepção de outras qualidades delas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 7, p. 295-302, 1991b.
- _____. *Atratividade física facial: percepção e efeitos sobre julgamentos*. Marília, 1992. Tese (Livre-Docência) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- _____. Estudos de atratividade física facial em Educação Especial. *Temas em Educação Especial* (São Carlos), v. 2, p. 273-282, 1993.
- _____. Atratividade física facial e percepção de deficiências. *Didática*, v. 29, p. 115-124, 1993/94.
- _____. Fidedignidade na percepção da atratividade física facial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 10, p. 143-157, 1994.
- _____. Atratividade física facial e prognóstico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 13, p. 113-7, 1997.
- PERRETT, D. I., MAY, K. A., YOSHIKAWA, S. Facial shape and judgements of female attractiveness. *Nature*, v. 368, p. 239-242, 1994.
- PHILLIPS, J., WHITAKER, L. A. The social effects of craniofacial deformity and its correction. *Cleft Palate Journal*, v. 16, p. 7-15, 1979.
- ROSS, M. B., SALVIA, J. Attractiveness as a biasing factor in teacher judgments. *American Journal of Mental Deficiency*, v. 80, p. 96-98, 1975.
- STEPHAN, C., TULLY, J. C. The influence of physical attractiveness of a plaintiff on the decisions of simulated jurors. *Journal of Social Psychology*, v. 101, p. 149-150, 1977.
- TERRY, R. L., BRADY, C. S. Effects of framed spectacles and contact lenses on self-rating of facial attractiveness. *Perceptual & Motor Skills*, v. 42, p. 789-790, 1976.
- TERRY, R. L., DAVIS, J. S. Components of facial attractiveness. *Perceptual & Motor Skills*, v. 42, p. 918, 1976.